

## “Parece que estão com medo da verdade”

**BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO**

Mauro Rodrigues Nogueira, criador da Biblioteca do Desenvolvimento Econômico do Brasil, em convênio de edições com a Pontifícia Universidade Católica do Paraná, está sendo acusado de ter produzido a documentação sobre as atividades do Cimi contra a soberania nacional na Amazônia, mas ele garante a autenticidade das denúncias e quer ir depor na CPI do Senado. Depois de amanhã, O Estado publicará a íntegra da entrevista.

“Já mandei carta à Comissão oferecendo meu depoimento, quero ir lá e contar tudo que houve, mas parece que estão com medo de minhas verdades, não querem meu testemunho, parece que pretendem até acabar com a CPI”, queixa-se Mauro Nogueira. Ele não aceita também as acusações de que a documentação é falsificada:

“É fácil admitir que um determinado documento é falso. Pode-se falsificar o quadro que representa o Grito da Independência, o que não se pode falsificar são os fatos que envolveram o grito, assim como a independência do Brasil. Os documentos ditos falsos, que obviamente não o são, encerram verdades comprovadas,

que estão acontecendo ou aconteceram. Não vamos deixar passar o tempo e cair na esparrela de discutir a origem do papel, a idade da tinta, ou o tipo da máquina. Vamos é discutir as verdades que os documentos encerram, isto sim é o que interessa ao Brasil”.

Para Mauro Rodrigues Nogueira, quem deve examinar, investigar e decidir sobre a autenticidade dos documentos é a polícia e a Justiça, “com esta discussão a intenção é desviar a atenção do problema dos minerais, do interesse estrangeiro, da ação do Cimi contra nossa soberania. Ora, eu tenho 63 anos, sou pai de vários filhos e não iria agora me preocupar em criar, falsificar documentos, isto é um absurdo”.

Ele diz reconhecer o direito do Cimi de se defender, “assim como temos até o dever de manter nossas posições, mas para o Cimi só resta uma saída, negar, negar e negar”. Mauro Nogueira afirma que o governo brasileiro deve investigar tudo até o fim, “pois há provas de que eles tentaram interferir no Projeto Carajás, está mais do que comprovado que tentaram e têm tentado influir na feitura da Constituição com artimanhas contrárias aos interesses nacionais”.

Quanto ao Cimi querer negar

que não aconteceram as reuniões documentadas, ele considera “uma besteira”, explicando que o próprio Conselho já declarou há poucos dias que houve os encontros, “por isso vou enfrentá-los cara a cara para provar tudo”. Garante também que existem outros documentos ainda mais comprometedores, que não mostrou antes “porque ainda tinha uma certa consideração com a CNBB”.

“Mas pelo que estou observando agora — afirma — eles querem guerra e terão guerra, é uma guerra muito necessária, assim talvez, depois das denúncias de O Estado de S. Paulo, saberemos o que é e quem quer mesmo a soberania nacional”. Sobre denúncias do presidente da CNBB, d. Luciano Mendes de Almeida, de montagem na documentação das reuniões do Cimi, Mauro Nogueira explica que recebeu fotocópia do que seria um original, mas que na verdade era uma síntese, “pois muitas perguntas e respostas foram escondidas, mas já tenho o original completo, que mandaremos comparar pelos peritos e vamos mostrar que tipo de montagem seria aquela”.

O fundador da Biblioteca do Desenvolvimento Econômico do Brasil lembra também que, em 1977, o cardeal d. Vicente Scherer, com base em documentação reveladora, já tinha

alertado a Igreja sobre seu relacionamento com o Cimi, assim como d. Geraldo Sigaud, bispo de Diamantina. “O episódio não deu em nada e ainda acabaram todos contra a Aeronáutica, que se encolheu. Ora, se uma tropa de elite tem medo da Igreja, o que farão os que nem armas têm?” — pergunta Mauro Nogueira.

Ele sugere que o Congresso Nacional requisite a documentação e o testemunho da Aeronáutica sobre os fatos denunciados. Lembra ainda que d. Vicente Scherer estranhava que o Conselho Indigenista Missionário nunca tivesse dado qualquer tipo de proteção ou assistência aos 4 mil índios do Planalto gaúcho, “simplesmente porque naquelas terras não havia minérios”.

Mauro R. Nogueira reforça as acusações ao Cimi, dizendo que seus missionários estrangeiros “demarcaram as terras indígenas cuidadosamente, obedecendo às coordenadas geográficas das províncias minerais e não como queriam os índios, a partir do acidente geográfico”. Para ele, isto demonstra “seu intento de conseguir nações indígenas independentes e riquíssimas, no mínimo e de saída com uns 200 bilhões de dólares em riquezas minerais, inclusive urânio, cujos mapas o Conselho Indigenista os têm muito bem guardados”.